



IGREJA CATÓLICA

Investigação quantifica abusadores sexuais dentro da instituição, incluindo padres, nos últimos 70 anos. Vítimas falam ao Correio

França descobre 2,9 mil religiosos pedófilos

» RODRIGO CRAVEIRO

Foi preciso esperar mais de três décadas para que ele enxergasse algum vislumbre de justiça. Morador de Poitiers (centro-oeste da França), o teólogo Eric Boone, 49, estava na pré-adolescência quando foi abusado por um padre, durante um passeio pelas montanhas. Desde então, viu-se obrigado a conviver com a falta de autoconfiança e com a culpa que ainda carrega. Na antevéspera da divulgação de um relatório inédito de 2.500 páginas, a comissão independente sobre a pedofilia na Igreja Católica revelou, ontem, que a instituição abrigou “entre 2.900 e 3.200 pedófilos” desde 1950. Desse total, dois terços são padres diocesanos.

O documento será oficialmente publicado amanhã e enviado à Conferência Episcopal da França (CEF) e à Conferência de Religiosos e Religiosas de Institutos e Congregações (Corref), que encomendaram a investigação. Durante as últimas sete décadas, a comissão avaliou uma população de 115 mil padres ou religiosos.

Jean-Marc Sauvé, presidente da comissão de inquérito, admitiu à agência France-Press (AFP) que esses números representam uma “estimativa mínima”. Ele não descartou que o total de abusadores chegue a 10 mil. Criada em 2018, a comissão — formada por 22 profissionais, entre eles advogados, médicos, historiadores, sociólogos e teólogos — recebeu 6.500 denúncias por telefone, nos primeiros 17 meses de trabalho, e manteve 250 audiências ou interrogatórios.

Boone deu uma pequena parcela de contribuição, ao prestar formalmente depoimento. “Fiquei surpreso com a magnitude desse número. Imaginei que eu fosse um caso isolado. Esses dados nos forçam a pensar sobre o aspecto sistêmico dessa crise sem precedentes na Igreja Católica francesa. Estudos em outras ações mostram que ela possui uma dimensão internacional”, afirmou ao *Correio*. “Espero muito deste relatório: que a minha Igreja (continuo católico) avance não somente com palavras de compaixão e com orações, mas também com ações. A organização eclesial deve evoluir, a fim de que a palavra

Fred Scheiber/AFP



Padres participam de missa no santuário de Lourdes, no sul da França: maior escândalo da Igreja no país

Relatos do horror

“Eu tinha 13 anos. Aconteceu em um acampamento para jovens cristãos, durante o verão. O diretor do acampamento era um padre e abusou de pelo menos 10 crianças e adolescentes naquela ocasião. Ele tocou o meu corpo e o meu pênis. Primeiro, fiquei surpreso com aquilo. Depois, veio uma paralisia. Não consegui fazer nada. Eu me senti como se fosse um prisioneiro. Isso afetou o desenvolvimento da minha sexualidade e da minha personalidade. Quando ainda era jovem, decidi, depois da agressão, que não teria uma namorada ou relacionamento com uma garota. Para mim, tudo se rompeu.”

Olivier Savignac, 41 anos, fundador do grupo *Parler et Revivre* (“Falar e Reviver”), morador de Rodès (sul da França)

Arquivo pessoal



“Fui vítima de um padre dominicano, no início da década de 1980. Eu tinha entre 12 e 15 anos. O padre era muito próximo de minha família. Ele me levou para um passeio nas montanhas e foi lá que isso aconteceu. Um longo silêncio se seguiu. Este religioso era um teólogo bastante conhecido. Imaginei que ninguém jamais acreditaria em mim. Levou várias décadas para que o assunto viesse à tona. Eu destaco o apelo do papa Francisco em sua Carta ao povo de Deus, em 2018 (no documento, o pontífice reconheceu o fracasso da Igreja Católica em lidar com a crise provocada pela pedofilia).”

Eric Boone, 49 anos, teólogo, morador de Poitiers (centro-oeste da França)

Joel Saget/AFP



circule mais, baseada na verdade, e que seu discernimento seja mais seguro.”

O teólogo que um dia foi uma criança abusada por um padre ainda precisa lidar com as sequelas da violência sexual. “Infelizmente, encontrei uma pessoa má pelo caminho. Os efeitos desse crime são terríveis. Mas, tenho a sorte de contar com uma esposa amorosa e com filhos

que me ajudaram a me aceitar e a seguir adiante”, afirmou Boone. “Fui capaz de me beneficiar de um longo tratamento com um psicólogo. Ele ajudou-me a recuperar a autoconfiança.”

Por meio do Twitter, a Conferência Episcopal da França publicou uma oração às vítimas. “Senhor, nós lhe confiamos todas as pessoas que sofreram violências e agressões

sexuais dentro da Igreja. Que elas possam contar sempre com o vosso apoio e com o nosso apoio, em tempos de provação”, diz o texto. “Que, à imagem do Teu Filho, cuidemos dos mais pequenos e frágeis, para fazer de nossa Igreja ‘uma casa segura’. Dê-nos o seu espírito de humildade, para que vivemos na esperança dos dias que virão. Amém.”

“Atrocidades”

Em 2016, 23 anos depois de ser abusado por um padre, o cantor Olivier Savignac fundou a *Parler et Revivre* (“Falar e Reviver”), uma associação que acolhe e presta assistência a vítimas de pedófilos na França. Em entrevista ao *Correio*, por telefone, Savignac, 41, admitiu que o inquérito revela a verdade sobre o

sistemismo, “o mecanismo de atrocidades sexuais que perdura na Igreja Católica francesa há sete décadas”. “Esse número pode ser muito maior. Eu acredito em pelo menos 5 mil padres abusadores. É o maior escândalo da história da Igreja no país e o maior inquérito sobre abusos sexuais dentro de uma instituição na França”, comentou.

Savignac explicou que, em 2019, a comissão independente liderada por Sauvé começou a estudar estatística e análises probabilísticas para chegar ao número de religiosos pedófilos. “Após lançar enorme luz sobre o fenômeno dos abusos na Igreja, esse relatório pode trazer alguma justiça às vítimas. Os fatos são muito antigos e, por isso, muitos de nós não podíamos contar com um julgamento nos tribunais. A Igreja tem que tomar medidas em prol das vítimas”, cobrou.

De acordo com ele, nove em cada 10 casos de abusos prescreveram. “Espero que a Igreja indenize as vítimas. Independentemente se a violência ocorreu há 10 ou 50 anos, é importante sermos reconhecidos como vítimas. Também espero que comissão semelhante seja instalada, em breve, no Brasil.”

ALEMANHA

Merkel apela por diálogo a partidos

A chanceler da Alemanha, Angela Merkel, fez um apelo aos partidos políticos para que superem as divergências depois das eleições legislativas, em um contexto de negociações difíceis para a formação do governo. Em discurso por ocasião do Dia Nacional da Reunificação da Alemanha, em 1990, a líder fez um balanço dos 16 anos no poder e pediu aos alemães que defendam a democracia dos demagogos.

“Temos que continuar moldando nosso país. Podemos discutir sobre a forma precisa de fazer isto no futuro, mas sabemos que temos a solução, que temos que ouvir a todos, uns aos outros, e dialogar”, declarou Merkel, que vai se aposentar da política após a formação do novo governo, algo que pode demorar meses. “Temos divergências, mas também coisas

em comum. Estejam dispostos a reunir-se com os demais (...) e tenham a capacidade de suportar as diferenças”, acrescentou, na cidade de Halle (leste). “Esta é a lição de 31 anos de unidade alemã.”

Essas foram as primeiras declarações de Angela Merkel sobre o resultado das eleições e a situação política derivada das urnas — a coalizão governista União Democrata Cristã (CDU) e União Social Cristã (CSU) perdeu para o Partido Social-Democrata (SPD), do candidato Olaf Scholz. As negociações exploratórias entre as legendas para a formação do novo Executivo começaram ontem e devem ser muito complicadas.

Triade

Muito provavelmente será necessária uma aliança de três parti-

dos com programas muito distintos para alcançar a maioria, o que não ocorria desde a década de 1950. A opção considerada mais plausível no momento é a de uma coalizão do SPD, que ficou em primeiro lugar (25% dos votos), com o Partido Verde e o Partido Democrático Liberal (FDP, direita). Tal possibilidade é apoiada por 59% dos alemães, segundo uma pesquisa da emissora ZDF.

Os líderes do SPD e do FDP relataram “discussões construtivas” no início da tarde, sem entrar em detalhes. No entanto, o secretário-geral dos liberais, Volker Wissing, admitiu que as “posições” de ambos os grupos ainda “estavam muito distantes em questões importantes”. É o caso, em particular, dos impostos que os sociais-democratas querem aumentar para os mais ricos e

que o FDP pretende diminuir. A centro-direita da chanceler também tenta estabelecer uma aliança com ecologistas e liberais. Embora os democratas-cristãos da CDU, partido de Merkel, tenham emergido enfraquecidos e divididos de sua derrota eleitoral, a formação se reuniu separadamente com o FDP e com os Verdes.

O líder da CDU, Armin Laschet, ao qual muitos atribuem o pior resultado eleitoral registrado pelos conservadores na história da Alemanha moderna (24,1% dos votos), parece cada vez mais ameaçado. Seus rivais dentro do partido, como Friedrich Merz ou Jens Spahn, que defendem uma linha mais voltada para a direita, se preparam para uma eventual sucessão de liderança. Outros exigem uma renovação “completa” do partido, após 16 anos de Angela Merkel.



Jan Woitas/AFP



Às vezes, consideramos as coisas muito garantidas quando se trata de conquistas democráticas, como se não tivéssemos que fazer mais nada para defendê-las”

Angela Merkel, chanceler da Alemanha